revista

MUSICAL

Publicação do Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro
Ano I • Edição 3 • Jul/Ago/Set 2015
www.sindmusi.org.br

Direitos dos músicos ameaçados

Ações do Judiciário colocam em risco direitos conquistados há 55 anos com a Lei do Músico

MEI

Uma armadilha para o músico

Ao som da sanfona

Encontro Internacional reúne mestres do acordeon

Entrevista com Bira da Vila



"O que falta ao artista da Baixada é oportunidade"

Colunista convidado

Adriana Rodrigues e o sucesso do Fladem 2015

Tabela de Cachês

Músicos contratados no Estado do Rio de Janeiro receberão cachês estabelecidos na tabela do SindMusi/RJ.
Deverão ser observados os dispositivos do capítulo 3 da Lei 3.857/60, artigos 41 a 48, que tratam da jornada do trabalho do músico.

GRAVAÇÃO

CDs	
POR PERÍODO	
Chamada mínima de 3 períodos	R$ 850,00
Instrumentista/Corista/Ritmista	
Por período	R$ 285,00
Dobra 1 período	R$ 285,00
Solo 10 períodos	R$ 2.830,00
POR FAIXA	
Faixa (Inst./Corista/Rit.)	R$ 885,00
Dobra	R$ 285,00
Solo	R$ 2.830,00
MAKING OF DE CD	
Por faixa (tempo máximo de uma faixa: 2h30m)	R$ 425,00
Hora excedente ou fração	R$ 285,00

DVDs	
Por faixa (caso o material se converta em CD, deverá ser pago em adicional o valor de tabela para gravação de CD)	R$ 1.285,00
POR PERÍODO	
Chamada mínima de 2 períodos	R$ 945,00
Peça até 1 minuto por período	R$ 475,00
Dobra	R$ 475,00
Solo 10 períodos	R$ 4.720,00
POR FAIXA (tempo máximo de uma faixa: 2 h)	
Cada faixa	R$ 945,00
Cada dobra	R$ 475,00
Solo	R$ 4.720,00
Hora excedente ou fração	R$ 475,00

TELEVISÃO - ÁUDIO E VÍDEO	
Chamada mínima de 5 h	R$ 1.780,00
Hora excedente ou fração	R$ 540,00

TELEVISÃO - ÁUDIO	
Chamada mínima de 5 h	R$ 1.190,00
Hora excedente ou fração	R$ 360,00

TRILHA SONORA - PARA TEATRO E PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS EXCETO TV	
POR PERÍODO PRODUÇÃO NACIONAL	
Chamada mínima de 3 períodos	R$ 1.890,00
Período	R$ 630,00
POR PERÍODO PRODUÇÃO ESTRANGEIRA	
Chamada mínima de 3 períodos	R$ 2.590,00
Período	R$ 870,00

(caso o material se converta em CD ou DVD, deverá ser pago em adicional o valor de tabela para gravação de CD)

NORMAS DE GRAVAÇÃO

1- O tempo de trabalho começa a ser contado a partir do momento em que o músico estiver à disposição do contratante.

2- Na gravação por período, o primeiro período é de 60 min, e os subsequentes são de 45 min.

3- Dobra é a execução da mesma partitura com o mesmo instrumento mais de uma vez.

4- Cada nova partitura executada pelo mesmo músico num mesmo arranjo corresponde a nova chamada mínima ou faixa.

5- Cada troca de Instrumento corresponde a nova chamada mínima ou faixa.

6- Na gravação por período, quando o número de faixas for maior que o número de períodos, o músico receberá o número de faixas gravadas.

7- Pot pourri é o arranjo de mais de uma música com, no máximo,100 compassos. Ultrapassando esse limite, corresponde a novo arranjo, e assim subsequentemente.

AO VIVO

ACOMPANHAMENTO	
DE ARTISTAS NACIONAIS	
Por show	R$ 1.190,00
Por ensaio	R$ 1.190,00
Hora extra de ensaio	R$ 400,00
Show no exterior	R$ 2.370,00
DE ARTISTAS ESTRANGEIROS	
Por show	R$ 1.490,00
Por ensaio (máximo 3 horas)	R$ 1.490,00
Hora extra de ensaio	R$ 490,00

Obs.: O valor do show inclui passagem de som (sound-check) de 3 horas. Após esse tempo, paga-se hora extra de ensaio.

MÚSICO ACOMPANHADOR PARA AULAS DE BALÉ, DANÇA E CONGÊNERES	
Por hora	R$ 105,00
BAILE	
Por baile	R$ 500,00
MÚSICA	
Por apresentação	R$ 500,00
CASAMENTO	
Por cerimônia	R$ 305,00
AULAS	
Hora-aula	R$ 105,00

CONCERTO SINFÔNICO, CÂMARA, BALÉ, ÓPERA, OPERETA E CONGÊNERES	
ORQUESTRA - POR ESPETÁCULOS	
Spalla	R$ 910,00
Instrumentista – Cordas, Sopros, Percussão e outros	R$ 740,00
ORQUESTRA - POR ENSAIO (MÁXIMO 3 H)	
Spalla	R$ 910,00
Instrumentista – Cordas, Sopros, Percussão e outros	R$ 740,00
CORO	
Corista - por espetáculo	R$ 740,00
Corista - por ensaio (máximo 3 h)	R$ 340,00

Obs.: Serão cobrados 20% sobre o valor do período de ensaio.

PIANISTA CORREPETIDOR	
Por ensaio	R$ 170,00

ARRANJO E REGÊNCIA (POR FAIXA)	
Por arranjo	R$ 2.010,00
Por regência	R$ 2.010,00
CÓPIAS - GARANTIA MÍNIMA	
550 compassos	R$ 400,00
Por compasso	R$ 0,80

NATAL, RÉVEILLON E CARNAVAL 2015/2016	
BALÉ, SHOW, BANDINHAS, CORETO, PASSEATAS, MÚSICA AO VIVO ETC.	
Instrumentistas em geral/Cantores	R$ 650,00

Obs.: Os valores acima envolvem todos os eventos praticados nas datas específicas, observadas as disposições relativas à jornada de trabalho (art. 42 da Lei 3.857/60).

palavra da diretoria

Com fôlego renovado

O músico João Bani é o novo presidente do SindMusi. Em reunião realizada no dia 8 de outubro, na sede do sindicato, para remanejamento da diretoria devido à renúncia de Álan Magalhães, ocorrida em julho, o músico foi indicado por unanimidade para estar à frente do SindMusi durante o quadriênio 2014/2018. A indicação de João Bani e o remanejamento nas funções dos diretores estão em total consonância com o que reza o estatuto da entidade.

Percussionista e compositor, Bani é baiano de Salvador e sua trajetória profissional reúne grandes nomes da música popular brasileira, das mais variadas formações. Sua atuação no campo sindical não vem de agora. Combativo e atuante, integrou o grupo de trabalho que formulou o plano CulturaPrev, no Ministério da Cultura; foi coordenador do GT "Trabalho e Regulamentação", do Fórum Nacional de Música; parecerista da Secretaria Municipal de Cultura, na gestão Jandira Feghalli; e diretor social e do trabalho do SindMusi, com vários trabalhos em defesa dos músicos nessas áreas.

Bani, que até então ocupava a função de diretor do trabalho, tem uma visão clara sobre a amplitude da luta dos músicos. "O sindicato encara o desafio contínuo de mudanças na legislação, no mercado de trabalho musical e na própria forma de se fazer sindicalismo, e esse desafio só pode ser enfrentado com a participação massiva da categoria. O sindicato tem esse compromisso, de motivar e chamar o músico para lutar sua própria luta. E se coloca, de fato, como mais um instrumento de todos os músicos", conclui.



João Bani

sumário



Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro

Presidente: João Bani
Vice-Presidente: Déborah Cheyne
Diretor Secretário-Geral: Anjo Caldas
Diretor Tesoureiro: Cesar Ehmann
Diretor do Trabalho: Luciana Requião
Diretor Social: Régis Gonçalves
Diretor de Comunicação: Kleber Vogel

Conselho Fiscal
Tim Rescala, Morais do Acordeon e Denize Rodrigues
Suplentes
Helena Buzack, Darcy da Cruz, Abel Machado, Nilze Carvalho e Joana Queiroz

Quadro Funcional
Secretária da Diretoria
Anilza Pereira
Auxiliares Administrativos
Andrea Mendes
Lyz Costa e Silva
Serviços Gerais
Augusto Castro
Jurídico
Dr. Edson Júnior (área cível)
Dra. Ludmila Maia - empresa contratada (área trabalhista)
Comunicação
Orlando Lemos

expediente

REVISTA MUSICAL
Diretor de Comunicação
Kleber Vogel
Jornalista Responsável
Orlando Lemos
Registro Profissional nº 13197
Reportagem
Leonardo Coelho
Capa
Hermé
Diagramação e Projeto Gráfico
Caio Castro
Revisão
Vania Lacerda
Impressão: GRAFMEC
Tiragem: 3.000 exemplares
Circulação: Rio de Janeiro

Rua Álvaro Alvim, 24, grupo 405
Cinelândia – Rio de Janeiro / RJ
20.031-010 – Tel.: (21) 3231-9850
www.sindmusi.org.br
sindmusi@sindmusi.org.br

Horário de Atendimento
2ª a 6ª das 10 às 18 horas



Adriana Rodrigues

COLUNISTA CONVIDADO

presidente da Seção Nacional e coordenadora da Pós em Educação Musical do Fladem Brasil/CBM CEU. professora do curso de Licenciatura do CBM CEU e mestre em Música e Educação



A educação musical latino-americana em casa

O Seminário Latinoamericano de Educação Musical aconteceu, pela primeira vez, no Rio de Janeiro, entre os dias 20 e 24 de julho, reunindo 526 associados no Fórum Latinoamericano de Educação Musical e tendo o "portunhol" como língua oficial do evento, provocando em todos o esforço para a comunicação.

Durante dezoito meses, a seção nacional, composta por Leonardo Moraes, Eliete Gonçalves, Elza Greif, Jeanine Bogaerts e por mim, buscou parcerias que acreditassem na importância desse evento de extrema importância para o encontro, troca e reflexão sobre a educação musical na América Latina.

A Escola de Música da UFRJ, representada naquele momento por André Cardoso, foi a primeira a abrir suas portas, seguida pelo Conservatório Brasileiro de Música, pela Academia Brasileira de Música, pela Associação de Canto Coral e pelo Espaço Guiomar Novaes, que não só abraçaram a ideia como disponibilizaram seus espaços, ampla e generosamente, durante todo o evento.

Criar um site, reunir, convidar, discutir, avaliar os trabalhos, organizar, receber, hospedar, alimentar, transportar, fornecer material, pedir, convencer, discordar e disponibilizar seu tempo foram algumas das ações que a equipe do Fladem Brasil viveu intensamente.

Na abertura, contamos com a presença, entre outros, da Secretária de Educação da Cidade do Rio de Janeiro, Sra. Helena Bomeny, que apresentou a Escola Municipal Chile - Ginásio Carioca do Samba, cujos alunos deram um show de música e dança.

Grande honra para todos nós foi ouvir Cecilia Conde (Brasil), Violeta de Gainza (Argentina), Carmen Méndez (Costa Rica), Gloria Valencia (Colômbia) e Marisa Fonterrada (Brasil), entre muitas outras personalidades, nas mesas e conferências, assim como foi inesquecível sentir a emoção de Teca Alencar de Brito, Regina Marcia e Carlos Kater homenageando o centenário do grande compositor e professor Koellreutter.

O encontro, além das trocas de experiências, trouxe vivências de modelos educativos-musicais próprios da América Latina, com toda a sua cultura musical pulsando, porque, como escreve Violeta, "La educación musical, el quehacer común que hoy nos convoca y que el FLADEM ha erigido como estandarte constituye, por outra parte, um espacio privilegiado para el rescate de los valores humanos: la ética, la naturalidade, la verdade, la propia identidade" (Gainza, 2014, p.79).

Destaco a participação e presença, durante todo o evento, de Luiz Ricardo Queiroz, Presidente da Associação Brasileira de Educação Musical, firmando a parceria da maior importância entre ABEM e FLADEM, demonstrando que, para ambas, é vital a representação dos educadores musicais tanto no Brasil quanto na América Latina.

Emocionante também foi a fala de Ethel Batres (Guatemala) que, junto com outros educadores musicais, cantou o hino de seu país "libre al viento tu hermosa bandera", em sua luta pela continuação da música nas escolas.

Cada minuto do evento valeu a pena. A alegria dos estudantes, voluntários, professores e pesquisadores, que iam e vinham atravessando as salas como se fossem cidades, países ou territórios desconhecidos, era contagiante. As vozes ouvidas e cantadas durante o Seminário incentivaram e inspiraram a todos para a busca não de uma música de qualidade, mas de uma educação musical que inspire sempre a criação, aquela que, como diria João Gilberto: mexe, remexe, dá nó nas cadeiras.

Destacaria, do último dia no saguão da Escola de Música, o arrastar das mesas para a realização de uma grande oficina de capoeira que acabou reunindo na mesma roda: atabaques, flautas de nariz, candombes, maracas, cajons, palmateios, zapateios, cantores, jogadores, crianças, estudantes, professores, mestres de bateria e de capoeira, doutores, vira-latas, canadense, nordestino, peruano, dinamarquês, carioca, uruguaio, baiano, guatemalteco e tantos outros ocas, aios, anos e ecos...

Nada melhor do que terminarmos um evento numa roda onde todos têm sua voz, seu espaço para tocar, jogar e, juntos, acreditar que naquele momento todos os santos e orixás sopraram o vento a nosso favor. Afinal de contas, como na roda de samba da casa da Tia Ciata, naquela semana o educador musical latino-americano se sentiu em casa, se sentiu carioca.

A Lei do Músico AMEAÇADA

Posição do Judiciário põe em risco as conquistas obtidas

Desde a criação da Lei 3.857/1960, a chamada Lei do Músico, pelas mãos do presidente Juscelino Kubitschek, os músicos brasileiros têm uma identidade profissional coletiva que os diferencia dos demais trabalhadores regidos pela CLT: direitos como estabelecimento de jornada especial de 5 horas, valorização da hora extra de 100%, intervalo de onze horas entre as jornadas e pausas de trinta minutos. Todavia, essa situação nunca foi sinônimo de tranquilidade, pois há uma luta contrária para que esses direitos sejam confiscados.

Infelizmente, o próprio judiciário brasileiro tem ajudado nesse processo, como, por exemplo, em 2005, quando a Ministra Ellen Gracie relatou, no seu entendimento, que a atividade de músico não necessitava de registro, licença ou fiscalização por ser uma manifestação artística que não apresenta riscos à sociedade. No ano seguinte, a Ordem dos Músicos de São Paulo entrou com uma ação direta de inconstitucionalidade (ADIN) contra uma lei estadual que proibia a fiscalização das casas noturnas de São Paulo. Entretanto, seguindo o pensamento de 2005, a ministra Ellen Gracie negou o procedimento da OMB.

Tais ações contrárias do nosso judiciário desencadearam pequenas fissuras que, nos últimos anos, têm aumentado a erosão da Lei do Músico. Um exemplo são as Ações Civis Públicas recentes que suspendem a cobrança compulsória de anuidade e da exigência de registros de pessoas que queiram exercer a profissão de músico.

Sobre isso, o advogado da área Cível do SindMusi, Edson Jr, admite que "tal atitude agradou a muitos músicos por reduzir mais uma taxa e diminuir a fiscalização". Para o advogado, essa conjunção de pouca mobilização de classe e ações governamentais contrárias está esvaziando o principal papel de um órgão fiscalizador de uma profissão. "Com isso está se colocando muito mais em risco", avisa.

Uma dessas conquistas que podem estar à deriva é justamente os direitos citados no primeiro parágrafo desta matéria, além do Artigo 53, que estipula uma reserva de mercado para o músico e a cultura nacional. Para concluir, em 2015, seguindo jurisprudência de uma decisão de São Paulo, empresas artísticas do Amazonas entraram com um mandado de segurança contra o pagamento desse artigo, ancoradas na decisão de Ellen Gracie, de dez anos atrás. "Isso cria na classe patronal a percepção que não precisa ser fiscalizada a entrada de mão de obra estrangeira no país", ressalta Edson Jr.

Apesar de todo esse denso nevoeiro, diversas ações políticas têm sido promovidas, tendo o SindMusi agido como liderança junto a outros sindicatos para tentar clarear a situação. João Bani, presidente do SindMusi, ressalta que "recolhimentos da mesma natureza do Artigo 53 ocorrem em sindicatos de músicos de outros países, em formato semelhante, como na Argentina e Peru, ou através de análises rigorosas da contratação de estrangeiros, a exemplo da Dinamarca", assinala, acrescentando:

- O SindMusi está, juntamente com outros sindicatos do país, por intermédio da Fenamusi, elaborando estratégias para defender a Lei do Músico, ainda que sejam necessários alguns ajustes, pois a lei precisa ser atualizada.

Para o presidente do SindMusi, o momento é de reflexão e leitura da situação em que a profissão se encontra. "Com todos os justos questionamentos, embora alguns nem tanto, a Lei do Músico nos reconhece e nos situa dentro da especificidade do nosso ofício, da nossa profissão, dentro da legislação trabalhista. Uma coisa que tantas profissões almejam, nós já temos e precisamos cuidar. E só teremos sucesso com a participação efetiva do músico junto ao seu sindicato. Todos os diretores do SindMusi são músicos. Que sejam todos os músicos também diretores", conclui.



O Presidente Jucelino Kubitscheck, tendo ao seu lado direito o Maestro José Siqueira e ao esquerdo o professor Gentil Guedes, na cerimônia de inauguração da sede da Ordem dos Músicos do Brasil no Rio de Janeiro

> "Só teremos sucesso com a participação efetiva do músico junto ao seu sindicato
>
> João Bani

Festa no Rio

1º Encontro Internacional de Acordeon

A Sala Maestro Paulo Moura, no Centro Municipal de Referência da Música Carioca Artur da Távola, ficou pequena, no dia 17 de outubro, para a realização do I Encontro Internacional de Acordeons do Rio de Janeiro. O evento, que teve por objetivo apresentar ao público o poder sonoro do acordeon, com seus ritmos e contextos musicais, reuniu grandes nomes nacionais e internacionais da sanfona, levando ao delírio o público que lotou o espaço no bairro da Tijuca.



Para o produtor e diretor do encontro, o compositor, arranjador e sanfoneiro Morais do Acordeon, o evento superou as expectativas, com apresentações memoráveis e um público que vibrou e interagiu com os músicos. "A repercussão junto ao público comprovou que está mais do que na hora de o acordeon ser incluído no calendário anual de atividades culturais brasileiras. Em 2016, com certeza, realizaremos o segundo encontro", disse entusiasmado.

Em uma das apresentações mais empolgantes, a gaúcha Fofa Nobre (foto), da cidade de Guaíba, levou para o encontro uma atração extra, além do seu reconhecido talento: a sanfona de acrílico. "Nós produzimos a sanfona de acrílico, a primeira feita no Brasil, para que o público tenha uma noção de como funciona uma gaita por dentro e, também, para mostrar o tipo de som que ela produz, mais agudo", assinala.

EM FAMÍLIA

Uma apresentação em família. Assim pode ser definida a participação do uruguaio Silvio Previale, que tocou com seu filho Santiago, de apenas cinco anos.

"A música está presente nas gerações da minha família. Tocar com meu filho e rever estes amigos, neste grande encontro, é maravilhoso.

Silvio Previale

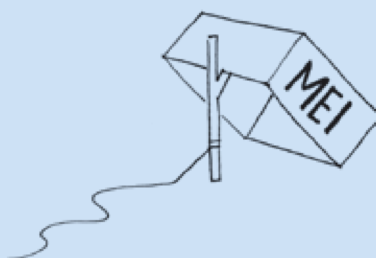
A ARMADILHA do MEI

Prática adotada por muitos músicos para a formalização das suas relações de trabalho, por exigência de contratantes, o MEI - ou simplesmente Empreendedores Individuais (EI) - transmite ao artista a ilusão de segurança com relação aos seus direitos trabalhistas. Na verdade, o que ocorre é justamente o contrário, transferindo o ônus dos encargos sociais e trabalhistas do tomador diretamente para o trabalhador.

Que o diga o pianista, arranjador e compositor Itamar Assiere, que define a sua experiência com o MEI como uma triste ilusão. Para ele, há falta de clareza no processo, o que acaba por confundir o músico, e seria melhor se fosse possível escolher a forma de recebimento - como pessoa jurídica ou física -, pois o MEI acabou lhe gerando custos maiores, já que na época em que o pianista foi inscrito, em 2010, existia um limite de arrecadação de R$ 33 mil que não foi atingido por ele.

- Na hora de declarar meu imposto de renda do Simples, a Receita Federal considerou como se eu tivesse extrapolado o limite, por conta do tempo de apenas seis meses. Então, digo que isso não está claro porque na hora em que você se inscreve não informam que existe uma proporcionalidade, ou seja, que você só poderá faturar até tanto por mês. Informa-se apenas que há uma soma, uma média para estabelecer o limite anual – afirma Itamar.

Para a vice-presidente do SindMusi, Deborah Cheyne, o MEI é ilegal, irresponsável e pernicioso. Segundo ela, todos os órgãos públicos que contratam músicos para eventos pedem nota fiscal, e que dentro do estatuto que rege toda contratação do Estado é exigida licitação. "Na época em que existia a RioArt, contemplava-se essa exigência da lei pedindo aos artistas que levassem cópias de jornais com seu nome, para mostrar que era uma pessoa conhecida, pública, o que funcionava muito bem. Hoje, isso tem que ser feito pela nota contratual, mecanismo que o sindicato, junto com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), encontrou e formatou para que se possa viabilizar a contratação do músico, ainda que eventualmente", explica.



De acordo com o advogado Edson Júnior, do Departamento Jurídico do SindMusi, o principal ponto é que o músico, por ter sua profissão regulamentada, ou seja, por ser um profissional liberal, não deveria se adequar à forma do MEI. "Isso está na própria lei do Simples (Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuições das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte) e do SuperSimples, que é uma derivação. O que ocorreu é que no portal do microempresário individual consta a informação "cantor/músico independente". Existe uma ilegalidade dentro dessa situação que vem atrapalhar a questão do músico no país", observa.

Esta prática tem atingido, inclusive, as contratações de músicos feitas por hotéis, restaurantes, bares e casas de espetáculos de todos os portes e perfis. Porém, é importante constatar que a contratação por meio do MEI se trata de sonegação fiscal, pois deixa de recolher impostos e encargos sociais, como o INSS, dos artistas.

Visando barrar esse avanço sobre a perda de direitos trabalhistas, o SindMusi encaminhou denúncia ao MTE, solicitando rigorosa fiscalização na exigência da nota contratual quando da contratação de músicos para shows. Conforme consta na denúncia, é necessária a compreensão de que a atividade-fim de cada um desses projetos é a cultura, e esta depende da mão de obra especializada de seus trabalhadores, não podendo ser terceirizada e, consequentemente, precarizada sob nenhuma alegação.

A cultura em debate na COLÔMBIA



Em mais um evento da FIM – Federação Internacional de Músicos para a América Latina, ocorreu, entre 22 e 24 de setembro, em Bogotá, Colômbia, o seminário "Organização Sindical e Igualdade de Gênero". O Brasil foi representado pela vice-presidente da FIM e do SindMusi, Déborah Cheyne.

O evento contou com palestras e oficinas que abordaram temas como equidade de gênero, direito autoral, gestão sindical, transparência e democracia e gerenciamento de conflitos, seguidos de trabalhos com dinâmica de grupo para que os participantes, reunidos em grupos menores, debatessem as questões e, ao final, apresentassem metas e estratégias para alcançar os melhores resultados dentro de cada tópico acima listado.

Para Déborah, o trabalho desenvolvido no evento foi bastante proveitoso e "aos poucos a Colômbia está avançando, na medida em que intensifica seu compromisso de engajamento mais dinâmico na defesa do trabalhador da cultura", declarou.

ENTREVISTA

Tendo na figura do pai, seu Jair, sambista, versador de partido alto, passista e ritmista, a fonte de inspiração, Bira da Vila, neste caso da Vila São Luiz, em Caxias, faz da sua arte um modo de vida e não uma forma de simplesmente ganhar dinheiro. Nesta entrevista, Bira aposta no surgimento de uma nova geração de sambistas que está se formando em movimentos que têm no samba uma cultura de resistência. Trabalhador incansável na difusão da arte da Baixada Fluminense, sentencia: "Talento existe, o que falta são políticas públicas para que o artista possa ter sua arte reconhecida".

Como se deu a sua relação com a música? Como tudo começou?

Tive na figura do meu pai, Jair, que era sambista, versador de partido alto, passista e ritmista da escola de samba "Cartolinha de Caxias", a grande inspiração para minha carreira artística. Observando os seus quase dois metros de altura e o andar gingado de malandro, compus, aos quatorze anos, o samba "O Malandrinho". Daí em diante não parei mais: participei da primeira roda de samba de Caxias, que era realizada no bar do Zezinho, em frente ao Clube Recreativo Caxiense, cantando Candeia, Monarco, Cartola, Beto Sem Braço, Dona Ivone Lara, Roberto Ribeiro, Paulinho da Viola, Martinho da Vila... Samba de raiz. Só fera!

Como você vê o momento do samba de raiz?

O problema é que o rádio quase não toca mais o samba de verdade. Antes responsável pela revelação de grandes nomes do nosso samba, hoje o rádio está meio que opaco nesse sentido. Mas eu acho que a situação já esteve pior, como há uns quatro ou cinco anos, quando o samba esteve restrito somente às rodas. Hoje existem muitos movimentos por esse Brasil afora. Eu viajo muito, faço muitos shows fora do Rio e vejo um movimento muito grande de novos compositores acontecendo em várias partes do país. Acho que está para acontecer uma nova geração do samba, não só do Rio, mas de todo o país, pois existe uma ebulição de sambistas novos, uma renovação. E com ela há o fortalecimento da cultura do samba, é o samba como cultura de resistência, que continua firme porque está na raiz da alma brasileira.

Essa é uma das razões de você fazer muitos shows fora do Rio?

É uma delas. Faço muitos shows no Maranhão, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Esses estados, hoje, são quem sustentam minha arte. Não posso ficar dependendo do Rio para sobreviver. Então, procuro universalizar minha arte. E consegui fazer muitos amigos e gente de primeira qualidade, que faz um samba redondinho. O samba é o Brasil. A identificação é imediata em qualquer região do Brasil. Além disso, o Rio é o berço do samba, a nata do samba está aqui. Daí a luta por espaço se tornar mais difícil, mais complicada.

Como se deu sua entrada efetiva na carreira artística, a chamada porta de entrada?

"Sobra talento na Baixada. O que falta é



Em agosto de 1998 estreei, com músicas autorais, no show "Nova Matriz", levado pelo Luiz Carlos da Vila, infelizmente já falecido. O show lotou o teatro e foi de extrema importância para minha carreira artística. Foi a minha porta de entrada, como você disse. Aí vieram shows nas principais casas de samba do Rio e São Paulo, além de outros estados, e nos principais eventos de música do Rio, como Réveillon, bailes pré-carnavalescos, shows de carnaval do Terreirão do Samba, carnaval da Lapa etc. Mas a minha maior emoção e satisfação foi cantar na praia do Arpoador com Luiz Carlos da Vila, Monarco, Wilson Moreira, Nelson Sargento, Walter Alfaiate e Wilson das Neves, enfim, com verdadeiros bambas do samba carioca. Além de ter cantado ao lado desses mestres, essa oportunidade me deu a honra e o privilégio de integrar a elite do samba de raiz.

Fale sobre a sua relação com o Luiz Carlos da Vila.

Ele foi e continuará sendo sempre o meu maior ídolo. Sinto-me um artista privilegiado por ter, coincidentemente, o mesmo sobrenome dele, que foi meu padrinho artístico. É uma honra ter tido o poeta do samba como incentivador. E desse reconhecimento de valor artístico recíproco nasceu uma real amizade e parceria musical. Para mim, Luiz é o cara!

O CD "O Canto da Baixada" foi um divisor de águas?

Sem dúvida. Levei oito anos para lançar "O Canto da Baixada", o que aconteceu em 2010. Um trabalho de muita luta, de garimpagem de músicas em um acervo com mais de mil composições, prova incontestável da potência da região. Foi um disco bem recebido, com indicações a prêmios, e que me levou para fora da Baixada. Um projeto que poucos acreditavam se tornar real. O principal objetivo desse empreendimento era o desafio de criar, a partir do álbum, uma discussão de valorização da Baixada Fluminense, dos seus artistas e da cultura da região.

Que olhar você tem sobre a situação do músico da Baixada?

Meu trabalho musical e artístico é baseado na discussão da arte e da cultura da minha região. A Baixada tem um caldo cultural muito forte. E isso se deve ao fato de o artista dessa região não procurar fazer música para se tornar uma celebridade, ele quer ter sua arte reconhecida. Quer dizer, talento existe - e muito! -, o que falta é oportunidade para mostrá-lo, além de políticas governamentais para que o artista possa entrar no mercado de forma digna.

Eu trabalho com o samba, mas conheço grandes artistas que trabalham com rock, reggae, com forró, com hip-hop, todos de grande qualidade, artistas com potencial que, no entanto, não têm onde mostrar seu trabalho. Nesse sentido, como eu disse, falta uma política de inclusão.

A realização de festivais seria uma saída? Claro, dentro de um aspecto emergencial.

Minha crítica aos festivais é que as pessoas pensam nesses projetos somente para elaboração de editais e para obter ganhos. A preocupação em revelar o artista é nenhuma. Esse é o grande hiato na relação de produção e projeção dos artistas da região.

O sindicato vem realizando uma série de encontros na Baixada para debater a realidade local e levar ao músico mais informação sobre seus direitos e deveres.

É preciso que as pessoas tenham voz, e o sindicato deve reunir representantes desta ou daquela região para que discutam seus problemas. Nós estamos debatendo a questão da arte na Baixada, em encontros nas rádios do grupo EBC, com gente de Caxias, São João e Nova Iguaçu. E a coisa vem dando tão certo que a rádio está pensando em levar sua estrutura para realizar um programa direto da Baixada, falando sobre todo o tipo de arte que é feita lá. Esse é o caminho.

Viver de música hoje é mais fácil ou mais difícil em relação à época em que você começou?

A arte vai sempre ser imprevisível. Você pode ser uma pessoa que acaba acontecendo ou pode levar a vida toda buscando esse caminho. Um dia eu desejei que minha música me levasse para todo canto, que pessoas quisessem ouvi-la. Mais que cachê, mais que dinheiro, que é preciso para pagar as contas, é necessário que você trabalhe também com a ótica de que o respeito à sua arte é precioso e vem em primeiro lugar. Tendo isso, o resto vem como consequência, pois o público sente quando sua arte é respeitada.



"Meu trabalho musical e artístico é baseado na discussão da arte e da cultura da minha região. A Baixada tem um caldo cultural muito forte



Vanisa Santiago

advogada especializada
em direitos autorais

DIREITO AUTORAL



STREAMING

Uma questão a ser debatida

Depois de longas discussões, iniciadas em 1903 e paralisadas por duas guerras mundiais, finalmente foi aprovada, em Roma, em outubro de 1961, a Convenção Internacional para a Proteção dos Artistas Intérpretes ou Executantes, aos Produtores de Fonogramas e aos Organismos de Radiodifusão – conhecida como "Convenção de Roma". Administrada por três organismos internacionais: OMPI (Organização Mundial da Propriedade Intelectual); Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura); e OIT (Organização Internacional do Trabalho), a convenção entrou em vigor em 1968, protegendo os chamados "direitos conexos"

Para conciliar interesses tão diferentes, como os dos artistas e músicos com os das indústrias fonográficas e de radiodifusão, foi preciso levar em conta que se tratava de proteger as atividades de pessoas e indústrias contra a apropriação por terceiros de seus respectivos trabalhos. Isso explica a participação, nesse processo, da OIT, a quem os artistas e músicos recorreram quando viram seus empregos ameaçados pelo uso das gravações que substituíam suas atuações ao vivo em locais públicos, nas rádios e no cinema.

Mas a evolução dos meios de comunicação e da tecnologia não parou em 1968 e, de lá pra cá, surgiram novos desafios. Entre todos eles, o mais importante, sem a menor dúvida, está no ambiente digital. Como tratar os direitos conexos nesse contexto? O que mudou com o aparecimento da Internet?

No Brasil, com a criação do ECAD, os músicos que participam das gravações de fonogramas e vídeos passaram a receber seus direitos conexos pelo conceito de execução pública, radiodifusão, transmissão e exibição cinematográfica em vários tipos de usuários do mundo físico. No entanto, essas formas de utilização não estão sendo consideradas como existentes pelos produtores nos usos via streaming. Tudo se limitaria às modalidades de reprodução e distribuição, que não são arrecadadas pelo ECAD. Por via das dúvidas, os músicos têm sido chamados pelos produtores a assinar contratos em que cedem todos os seus direitos conexos, menos aqueles que correspondem ao ECAD, que não estariam presentes no mundo virtual. Em resumo: os músicos estão cedendo ao produtor, em caráter definitivo, todos os direitos que teriam em usos como o streaming, que vem dominando os mercados. E aí, como ficam seus direitos?

Para jogar luz sobre essa e outras questões, que precisam ser melhor definidas, o Ministério da Cultura organizou grupos de consulta nos quais a presença do Sindicato é da maior importância. Os músicos precisam buscar seu espaço nesse "novo mundo". Muita coisa mudou, mas os músicos continuam imprescindíveis para que haja conteúdo para o streaming. É simples assim.

A MULHER NA MÚSICA

Seminário chega a sua sétima edição

7º seminário a mulher na MÚSICA

Evento que já faz parte do calendário dos músicos e musicistas do Rio de Janeiro, pela seriedade dos debates nas questões voltadas à participação da mulher no cenário musical brasileiro, o Seminário "A Mulher na Música" chega a sua sétima edição. O encontro será realizado no dia 26 de novembro, a partir das 14h, na sede do SindMusi, e terá como tema "Mulheres na Música do Rock Metal".

O objetivo do encontro é dar prosseguimento às demandas das musicistas, bem como pensar políticas públicas e ações específicas. A ideia é que surjam mais projetos de lei que contemplem a questão do gênero.

A programação oficial está quase definida, faltando apenas a confirmação de alguns palestrantes. No entanto, nomes de peso, como o da fonoaudióloga Karina Otubo e das pesquisadoras Abda Medeiros, Claudia Azevedo e Gheise Vasconcelos, também percussionista, já estão confirmados.

Dentre os temas abordados, o seminário irá discutir a participação das mulheres na música, saúde ocupacional, questões trabalhistas, legislação e políticas públicas específicas. Confira a programação completa do evento no site do SindMusi (www.sindmusi.org.br).

Aconteceu

HÁ 85 ANOS

O dia 13 de abril de 1930 é uma data especial para o SindMusi. Foi naquele momento da nossa história que o então Presidente da República, Getúlio Vargas, reconheceu o Centro Musical do RJ (SindMusi/RJ) como de utilidade pública. Pesaram na decisão de Getúlio os serviços prestados à arte pelo Centro, desde a época de sua fundação, e o fato de ter em seu quadro social cerca de quatrocentos professores de orquestra.

Ainda na década de 30, o Centro Musical foi reconhecido como sindicato da classe pelo Ministério do Trabalho, em 17 de fevereiro de 1932, quando começou a prestar contas ao governo sobre os nomes e endereços de seus sócios, leis internas e seus recursos financeiros. Entre as principais mudanças contidas nos novos estatutos, figurava também o direito de se tornar o Centro Musical o único organizador de funções teatrais no Rio de Janeiro.



Encontro do Presidente Getúlio Vargas com a diretoria do Centro Musical do Rio de Janeiro, tendo a sua direita o presidente do CMRJ, Henrique Spedini, e o Maestro José Siqueira (segundo à direita na foto)

Ludmila Maia

DIREITO DO MÚSICO



advogada trabalhista do SindMusi, diretora do Instituto de Advogados do Brasil e membro permanente da Comissão de Direito Trabalhista da OAB

ASSÉDIO MORAL

Além do mercado de trabalho

A busca incansável pelo poder e por bens materiais e a banalização dos meios utilizados para obter esses ícones contemporâneos de sucesso converteram-se numa equação bastante perigosa nos dias atuais. O resultado dela já tem nome e cresce silenciosamente no mercado trabalhista: assédio moral. O mal não é recente. Aliás, pode-se dizer que é tão antigo quanto o trabalho. A novidade está na intensificação e gravidade do fenômeno.

O assédio moral nada mais é do que o "psicoterror", onde o trabalhador é submetido a situações constrangedoras e humilhantes, de maneira reiterada e prolongada. Os estudos sobre o tema ainda são embrionários, uma vez que a prática é de difícil detecção. Sabe-se, porém, que já alcança índices preocupantes, por conta do número de processos movidos com base no tema, e hoje é tido como um dos males mais terríveis que atingem os trabalhadores do mundo todo, pois se trata de uma violência perversa que gera fortes danos ao indivíduo.

O assédio moral pode ocorrer durante a jornada de trabalho ou fora dela, mas sempre em razão das funções exercidas pela vítima. Na maioria dos casos, o assediador desestabiliza psicologicamente seu alvo e o objeto de ataque nem sempre é o produto do trabalho deste, mas sim algum atributo físico sobre o qual o agressor faz alusões sempre de forma debochada e desqualificadora. O efeito para a vítima é nefasto e causa desde falta de apetite e insônia, passando por dores generalizadas, distúrbios digestivos e aumento da pressão arterial, podendo chegar ao ápice, que seriam as tentativas de suicídio.

Em um primeiro momento, pode-se imaginar que o assédio moral seja um problema apenas do funcionário assediado. Grande equívoco! A prática é um péssimo negócio para as empresas. Afinal, casos desse tipo provocam prejuízo na produtividade do empregado e no andamento dos negócios. Isso sem esquecer os elevados custos decorrentes dos danos, já que a empresa tem que arcar com a indenização gerada por meio de demanda judicial trabalhista movida pela vítima.

Para ter uma noção da queda da produtividade, uma pesquisa feita pela Associação Italiana contra Mobbing e o Stress Psicossocial (PRIMA) afirma que a prática do assédio moral no âmbito do trabalho reduz em 80% a capacidade individual de trabalho da vítima, gerando uma reação em cadeia na equipe a qual está vinculada. Aliado a isso, há um número bastante expressivo de licenças e faltas ao trabalho decorrentes de doenças psíquicas geradas pelo assédio.

Mesmo diante desses números, tudo indica que os casos estão aumentando. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), os países desenvolvidos, como Finlândia, Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos são os que mais têm sofrido com esse tipo de violência, porém, no Brasil, a prática também apresenta expansão.

Uma pesquisa feita pela vice-coordenadora do Núcleo de Estudos Psicossociais da Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN/PUC/SP), Margarida Barreto, afirma que o assédio moral atinge 36% dos brasileiros, estando 66% desse percentual localizado no Sudeste – não por acaso a mais importante região industrial, comercial e financeira do país. Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), as vítimas mais frequentes são mulheres, negros e homossexuais.

É hora de se promover no país um estudo sério e abrangente sobre o tema. O assédio moral não é apenas um mal que acomete o vizinho. É uma realidade que pode estar muito mais próxima do que se pode imaginar, um problema que já atinge grande número de empresas e, em curto prazo, pode ganhar contornos epidemiológicos.

Confira as vantagens exclusivas de ser um associado do SindMusi

SERVIÇOS GRATUITOS NA SEDE

ATENDIMENTO JURÍDICO
Agendamento pelos telefones (21) 3231-9850 e 2532-1219
Área Cível e Previdenciária - Dr. Edson Jr.
2ª, 4ª e 6ª feiras
Área Trabalhista - Drª. Ludmila Maia
3ª e 5ª feiras

PORTAL E QUADRO DE AVISOS
Envie para comunicacao@sindmusi.org.br seu realese com até cinco linhas, uma foto para postar em nosso site, agenda de shows ou anúncio.

INTERNET*
Disponibilizamos dois computadores com internet em banda larga, para uso exclusivo dos associados.

ATENDIMENTO MÉDICO E ODONTOLÓGICO*

Consulta simples, por ordem de chegada
Clínico Geral - Dr. Carlos Augusto
2ª feira, das 9h às 12h e das 13h às 17h
4ª feira, das 9h às 12h
5ª feira, das 14h30 às 16h30

Cardiologia - Drª. Mara
3ª feira, das 15h às 17h
6ª feira, das 13h às 16h

Odontologia - Dr. Jorge Bitar
De 2ª a 5ª feiras, das 13h às 16h

*SERVIÇOS EXTENSIVOS AOS DEPENDENTES

CONTRIBUIÇÃO SINDICAL

Até 28/02/2015
R$ 124,00

Após 01/03/2015
R$ 132,00

ANUIDADE SOCIAL

Até 28/02/2015
R$ 86,00

Após 01/03/2015
R$ 92,00

ESPORTE E LAZER



TRANSPACIFIC VIAGENS E TURISMO
Descontos de 2% em passagens aéreas nacionais ou internacionais e de 5% em pacotes e em hospedagens no Brasil e no exterior.
Av. Rio Branco, 185, sala 1203, Centro
(21) 2220-6550 | transpacific.com.br



ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS DO RJ - UNIDADE LAPA
Desconto de 20% e isenção da taxa de inscrição para os associados e funcionários (esposa e filhos de 6 a 15 anos) em atividades físicas para todas as idades.
(21) 2509-5727 | acmrj@acmrj.com.br



SATISFACTION DISCOS
Raridades musicais. Associado tem desconto de 10% na compra de qualquer produto e pode vender seus CDs em consignação.
Rua Buenos Aires, 95/sala 214 – Centro
(21) 2521-2893 | satisfactiondiscos.com.br

SERVIÇOS



ALUGUEL DE CARROS
Descontos especiais em aluguéis de carros para associados. Para ter acesso ao desconto, o associado deve retirar comprovante na sede do SindMusi. Telefone para contato: 3231-9850.
www.unidas.com.br



VILA MUSICAL
10% de desconto nos ensaios.
Grajáu: (21) 2238-4467 | 3172-5199
contato@vilamusical.com.br
(21) 2234-0366
maracana@vilamusical.com.br



ESPAÇO PARA AULAS E ENSAIOS
Salas disponíveis para realização de aulas e ensaios de segunda a sexta-feira das 10h às 18h. Sócios: R$ 8 por hora. Não sócios: R$ 20 por hora. Rua do Teatro, 7, Largo São Francisco, Centro.
Agendamento: (21) 3231-9850



STÚDIO MERCURY - SÃO JOÃO DE MERITI
20% de desconto nos ensaios e gravação.
Telefone e whatsapp:
98339-4462 - Israel



DUNAS FILMES
Descontos de até 20% em registros audiovisuais de shows, workshops, palestras, eventos, produção de vídeo demo etc.
(21) 3025-2090 | 97102-6904 | 97102-6904
98786-8080 | 98786-8080



STÚDIO FÓRUM - BOTAFOGO
20% de desconto nos ensaios. Rua Professor Alfredo Gomes, 33, Botafogo.
contato@estudioforum.com.br
2246-6200 | 3251-7252

ENSINO



INTENSIVO DE MÚSICA

Desconto de 80% nas mensalidades para os sócios e de 50% nas mensalidades para dependentes dos sócios. Rua Pedro I, 4 sala 205, Praça Tiradentes.Convênio com a Faculdade de Música do CBM-CEU - Conservatório Brasileiro de Música - desconto de 60% nas mensalidades.
Maiores informações:
www.intensivodemusica.com.br
secretaria@intensivodemusica.com.br
(21) 98819-5957 | 2221-5313 | 98884-5313



INSTITUTO TOCANDO EM VOCÊ

Gratuito para dependentes de associados com renda mensal até dois salários. Projeto Social Tempo de Infância - Oficina Coral Projeto Talentos do Futuro - Capacitação Artística, Teatro, Música, Artes Plásticas e Dança. Rua General Roca, 362, Tijuca. (21) 2568-5451.
tocandoemvoce@gmail.com



MUSIMAGEM- CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA

Desconto de 30% no curso "Música para Imagem". Centro Universitário - Av. Graça Aranha, 57, 12º andar, Centro.
(21) 3478-7600 | 3478-7610
cultural@cbm-musica.org.br

JARDIM ESCOLA TEMPO DE INFÂNCIA

Isenção de taxa de matrícula e desconto de 20% na mensalidade.
(21) 2284-0085
tocandoemvoce@gmail.com



IATEC– INSTITUTO DE ARTES E TÉCNICAS EM COMUNICAÇÃO

Descontos de 15% em cursos profissionalizantes e programas de treinamento em áudio, vídeo, iluminação, música eletrônica, produção de evento e elaboração de projetos. Rua Pedro I, 4, sala 202, Praça Tiradentes, Centro.
(21) 2493-9628 | 2486-0629
iatec.com.br



SKILL IDIOMAS

Desconto de 30% nas unidades: Vila da Penha, Taquara, Tijuca, Madureira, Vista Alegre, Fonseca, Cordovil, Duque de Caxias, São João, Padre Miguel, São Gonçalo, Icarai, Niteroi Centro, Nova Iguaçu (Centro e Posse) e Belford Roxo

PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR



CULTURAPREV

Profissionais da cultura têm um plano de previdência complementar exclusivo, com custos reduzidos. Administradora: Fundação Petrobras de Seguridade Social - Petros.
0800 025 35 45
petros.com.br

ASSINATURA



BACKSTAGE

Descontos de 10 a 20% nos produtos da Editora H. Sheldon: livros sobre áudio e música e revista Backstage, especializada em áudio, música e iluminação.
produtos@backstage.com.br
backstage.com.br | editorahsheldon.com.br

SAÚDE



UNIMED-RIO

Ampla rede credenciada e carência reduzida. Administradora: Qualicorp Administradora de Benefícios S.A.
(21) 3223-9055 | unimed.com.br



CLÍNICA CORPILUX

Desconto de 30% em tratamentos dermatofuncionais e holísticos e de 15% em tratamentos de fisioterapia geral. Fisioterapia dermatofuncional em estética facial, corporal, capilar, drenagem linfática, traumatologia e ortopedia, preventiva, sequelas de queimaduras, psoríase, pré e pós-operatório de cirurgias plásticas, reparadoras e ortopédicas, cromoterapia clínica. Rua Dias da Cruz, 414, sala 103, Méier (21) 3437-8334 | 9629-1389
atendimento@corpilux.com.br
Twitter: @corpilux | Facebook: Corpilux



CLÍNICA IBEAS

Desconto de 30% em tratamentos diversos: acupuntura, eletroacupuntura, acupuntura a laser, fisioterapia – correção postural, respiratória, musculoarticular (ortopédica, neurológica, reumática) –, RPG funcional, shiatsu maca ou cadeira, auriculoterapia, drenagem linfática, stiper, bandagem funcional (kinesio), 30% de desconto. Desconto de 50% em consulta exame/tratamento com acupuntura Ryodoraku. Rua Dona Maria, 100, Vila Isabel.
(21) 2572-2210 | 2572-2215
ibeasposgraduaçao.com

ÓTICA HIPER VISÃO

Desconto de 20% à vista e de 12% no crediário em até seis vezes sem juros. Matriz: Rua Voluntários da Pátria, 45, loja B, Botafogo (21) 2527-2720, 2286-6052 Filial: Rua Farani, 3, loja A, Botafogo.
(21) 2554-5077

PSICÓLOGA - DRª ELIANE MIRANDA

Desconto de 30% em atendimento de adolescentes e adultos. Rua Barão de São Francisco, 373, sala 303, Vila Isabel.
(21) 3683-2917, 9299-2534

DENTISTA - DRª ELIANE TASSIS

Descontos de 20% a 35% em serviços de prevenção/reeducação e conscientização em saúde bucal, clareamento, estética, dentística, prótese, ortodontia, endodontia, cirurgia e implantodontia. Consulta inicial para avaliação clínica e realização de pedidos de exames complementares com desconto de 60%. Rua Miguel Lemos, 41, sala 1003, Copacabana (próximo ao metrô Cantagalo).
(21) 3813-4094

LANÇAMENTOS

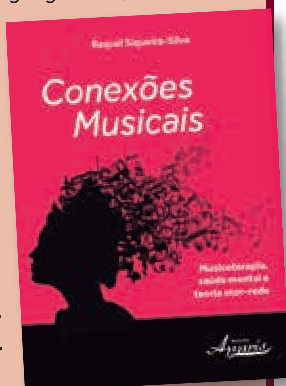


Novos Ventos

Em seu CD de estreia, o Trio Capitu, formado em 2012 por Sofia Ceccato (flauta), Janaína Perotto (oboé) e Débora Nascimento (fagote), se lança num repertório de compositores brasileiros de vertentes variadas, explorando a rica sonoridade dessa combinação de timbres. O CD, cuja direção artística é de Dhyan Toffolo, conta com obras de compositores de destaque na cena contemporânea, como Alexandre Schubert, Sergio Roberto de Oliveira, José Orlando Alves, Marcos Lucas, Anderson Alves e Rogério Rosa, entre outros. O trio desenvolve um trabalho de recuperação de sua formação instrumental, levando a música de câmara para os mais diversos públicos e locais.

Conexões Musicais

Em evento que lotou o auditório do SindMusi e teve a presença de autoridades, profissionais de saúde, músicos e usuários de serviços de saúde mental, a psicóloga, escritora e professora Raquel Siqueira-Silva, especialista em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música, lançou o livro "Conexões Musicais: Musicoterapia, Saúde Mental e Teoria Ator--Rede". A obra contém 264 páginas e é baseada na dissertação de mestrado da autora, onde práticas musicais e artísticas aplicadas à saúde mental são apresentadas. "A música é agregadora, e seu potencial de empoderamento de coletivos é forte", assinala Raquel, acrescentando que o lançamento superou suas expectativas.



NOTAS MUSICAIS

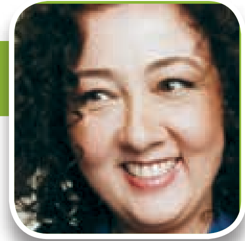
Lei de Incentivo à Cultura

A Secretaria de Estado de Cultura, através da Superintendência da Lei de Incentivo, encerrará as inscrições de projetos na Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Rio de Janeiro em 27 de novembro de 2015, de acordo com o cronograma disponível no www.cultura.rj.gov.br.

Denúncia ao MTE

O SindMusi apresentará denúncia ao Ministério do Trabalho e Emprego, reivindicando que seja fiscalizada a forma de contratação dos músicos em hotéis, restaurantes, bares e similares do município do Rio de Janeiro. A medida se dá em razão de o SindRio ter ignorado, pela terceira vez, a reunião de mediação solicitada pelo SindMusi para início da negociação objetivando a Convenção Coletiva para o biênio 2015/16.

Carolina Valverde
fisioterapeuta especializada
em saúde do músico



O USO DO CORPO DO BATERISTA

Relaxamento é fundamental na performance

Caros leitores, nesta e na próxima coluna falaremos sobre o workshop "A Biomecânica do Baterista", evento idealizado por mim e pelo baterista Arthur Rezende e realizado em Belo Horizonte, em agosto. Assim, resolvi estender um pouco mais o assunto nesta entrevista.

Arthur é um superbaterista com competências técnicas e musicais especiais e, além disso, um professor consciente e preocupado com as questões relacionadas ao corpo e à saúde. O evento foi superespecial e, nessa primeira turma, tivemos quinze bateristas participantes.



Em que momento e por que você voltou sua atenção para as questões do corpo e da saúde do baterista?

Quando comecei a lecionar, há quatorze anos, já me preocupava com as questões relacionadas à postura e ao relaxamento muscular, que estão diretamente ligadas ao desenvolvimento de uma boa técnica. Há uns três anos, quando eu comecei a sentir dores ao tocar, percebi que havia mais informações sobre essas questões que eram desconhecidas dos próprios bateristas. Então, enquanto tentava uma cura para minhas dores através da fisioterapia convencional, sem obter sucesso, eu buscava informação especializada, pesquisando por conta própria sobre anatomia, lesões, o que o mau exercício da minha profissão poderia causar etc. E, quando comecei a me tratar com você, acabei por me aprofundar no assunto, conseguindo, ao mesmo tempo, adquirir uma importante bagagem sobre este tema e ter o meu problema de saúde resolvido.

Quais são as queixas mais comuns dos bateristas relacionadas à performance musical? E qual sua opinião?

As principais queixas são dores na mão, no antebraço, no cotovelo, nos ombros, nas costas e no joelho. Um dos motivos é o fato de a bateria ser um instrumento recente, cuja técnica se encontra em constante evolução. Existem várias maneiras de segurar as baquetas, de efetuar um toque, assim como há várias técnicas para trabalhar o pedal de bumbo etc. Com tantas opções, se o baterista não se valer dos conhecimentos relacionados à biomecânica, ele pode se lesionar. Além disso, muitos bateristas não possuem uma boa técnica ou uma rotina de estudos constantes, transformando-se em verdadeiros atletas de fim de semana. Resumindo: não há dúvida de que o principal causador das lesões nos músicos é a desinformação.

O quanto a distância, a qualidade e altura do banco, a posição do set, o peso das baquetas e a posição da estante de partitura podem influenciar na saúde do baterista?

Gosto de dizer que a bateria deve ser montada de forma que respeite os nossos movimentos. Como trabalhamos sentados, é indispensável a utilização de um bom banco de bateria. É importante que ele seja confortável e que sua estrutura seja firme. Outro detalhe importante é não deixá-lo travado, possibilitando que gire, facilitando, assim, o alcance das peças periféricas sem que haja uma torção da coluna. Sobre a distância do banquinho, deve ser calculada de forma que a articulação do joelho não fique à frente do tornozelo. E a altura deve ser pensada de forma que o joelho não fique em um plano superior ao quadril.

A escolha das baquetas deve ser compatível com o trabalho a ser executado. Imaginemos a baqueta como uma ferramenta: um martelo, por exemplo. O peso do martelo é escolhido dependendo do trabalho que será feito. Para trabalhos sutis, martelo leve; para pregar um prego na parede, martelo médio (doméstico); e para derrubar uma parede, uma marreta pesada. Se utilizarmos esse mesmo raciocínio com as baquetas, escolheremos sempre aquela mais adequada ao momento. É importante constatar que não é a força do pedreiro que derruba a parede, é o peso da marreta. Porém, o pedreiro precisa estar apto a operar sua ferramenta. No caso dos bateristas versáteis, que atuam em diversos estilos, é importante que estejam preparados para tocar com baquetas pesadas. Dessa forma, quando eles precisarem tocar com uma baqueta mais leve, não se lesionarão.

No caso dos bateristas destros, a perna direita fica alinhada ao bumbo. Isso faz com que o centro do corpo fique direcionado à esquerda do set, tornando este o lugar mais adequado para se posicionar a estante de partitura, o monitor, o notebook etc. O ponto central de uma bateria normalmente é o bumbo, mas o ponto central do baterista fica entre o pedal do chimbal e o pedal de bumbo. Ou seja, à esquerda do kit.

Na sua opinião, como professor, quais são os erros técnicos mais comuns que podem interferir negativamente no corpo do baterista?

Sem dúvida, a tensão. O objetivo da técnica é obtermos o maior resultado com o menor esforço, o que só se consegue com relaxamento. A baqueta precisa estar solta nas mãos para que consiga trabalhar sozinha. Além disso, as articulações devem estar relaxadas para que o corpo não tenha dificuldades ao se movimentar, principalmente quando se almeja ter velocidade, precisão e dinâmica. Uma má postura prejudica muito o desenvolvimento da técnica, na medida em que postura também é técnica.